

—
Coletâneas
Solano Trindade
—

Eternizar em escrita Preta

Atropelo
AMANDA CARNEIRO

*Limiar ou Primeiro impulso
para que algo aconteça*
AMANDA PESSOA

*Piscinas:
um estudo sobre águas*
MARIANA OZÓRIO

—
*Prêmio Solano
Trindade 2021*
—

LUCIAS





**Eternizar
em
escrita
Preta**





**ASSOCIAÇÃO DOS ARTISTAS
AMIGOS DA PRAÇA (ADAAP)**

Conselho Administrativo

Maria Bonomi (Presidenta)
Leandro Knopfholz (Vice-Presidente)
Danilo Miranda
Eduardo Saron
Eunice Prudente
Helena Ignez
Joaquim Gama
Patricia Pillar
Vicente de Freitas

Conselho Fiscal

Wagner Brunini (Presidente)
Maurício Ribeiro Lopes
Rachel Rocha

Conselheiro Benemérito

Lauro César Muniz

Direção Executiva

Ivam Cabral

Núcleo Fundador

Alberto Guzik (in memoriam)
Cléo De Páris
Guilherme Bonfanti
Hugo Possolo
Ivam Cabral
José Carlos Serroni
Marici Salomão
Raul Barretto
Raul Teixeira
Rodolfo García Vázquez

SELO LUCIAS

Organização e edição

Elen Londero
Ivam Cabral
Joaquim Gama
Marcio Aquiles

Jurados do Prêmio

Aldri Anuniação
Jhulia Santos
Viviane Pistache
Miguel Arcanjo Prado

Autoras

Amanda Carneiro
Amanda Pessoa
Mariana Ozório

Capa

Henrique Mello

Diagramação

Tomaz Alencar

Revisão

Bruno Galvincto
Leticia Polizelli
Luiza Camargo

Produção

Gustavo Ferreira

Fotos de capa e ilustrativas

de Muhammadtaha Ibrahim Ma'aji,
disponíveis em:
www.pexels.com/photo/2505377,
... /2290188, ... /2505377, ... /5798114,
... /9397729, ... /10005030 e
... /10574687

Fotos das autoras

Divulgação

Impressão

Editora e Gráfica Stampato

Este livro foi elaborado a partir do concurso cultural “Prêmio Solano Trindade 2021” realizado pela Associação dos Artistas Amigos da Praça (Adaap), gestora do projeto cultural SP Escola de Teatro junto à Secretaria de Cultura e Economia Criativa de São Paulo. O prêmio foi instituído em atendimento ao Decreto nº 48.328/2003, com o objetivo de fomentar a produção de novas iniciativas de projetos de pesquisa com a temática ou produção de artistas afrodescendentes.

Direitos reservados à ADAAP - Associação dos Artistas Amigos da Praça | Selo Lucias

Av. Rangel Pestana, 2.401 – Brás, 03001-000 — São Paulo/SP

55 11 3775 8600

nfo@spescoladeteatro.org.br

www.adaap.org.br

www.spescoladeteatro.org.br

A849e Associação dos Artistas Amigos da Praça

Eternizar em escrita preta [livro digital] / Amanda Carneiro; Amanda Pessoa; Mariana Ozório Gama. – 1. ed. – São Paulo : Associação dos Artistas Amigos da Praça : Lucias, 2022.

127 p. (Prêmio Solano Trindade)

ISBN: 978-65-84800-08-3

1. Teatro Brasileiro 2. Dramaturgia 3. Dramaturgia negra

CDU: 792.82





—
Coletâneas
Solano Trindade
—

Eternizar em escrita Preta

Atropelo
AMANDA CARNEIRO

*Limiar ou Primeiro impulso
para que algo aconteça*
AMANDA PESSOA

*Piscinas:
um estudo sobre águas*
MARIANA OZÓRIO

—
*Prêmio Solano
Trindade 2021*
—

LUCIAS



apresentação

12. *Apresentação institucional*
SECRETARIA DE CULTURA E
ECONOMIA CRIATIVA DO ESTADO
DE SÃO PAULO

prefácio

16. *Personagens que Narram
as Desventuras de um Tempo!*
ALDRI ANUNCIAÇÃO

textos

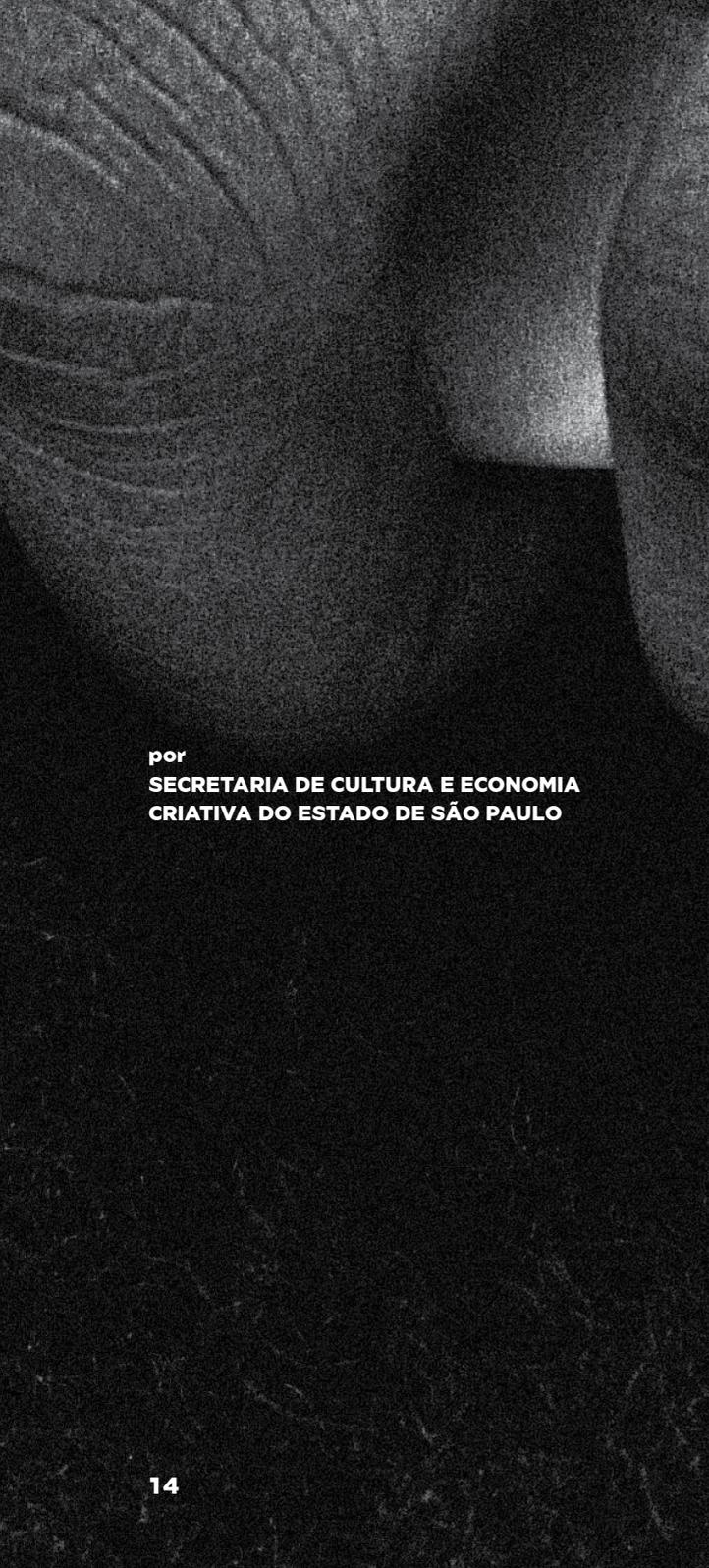
22. *Atropelo*
AMANDA CARNEIRO
74. *Limiar ou Primeiro impulso para
que algo aconteça*
AMANDA PESSOA
98. *Piscinas: um estudo sobre águas*
MARIANA OZÓRIO

posfácio

122. *A dramaturgia em modelos diversos*
IVAM CABRAL



Apresentação



por
**SECRETARIA DE CULTURA E ECONOMIA
CRIATIVA DO ESTADO DE SÃO PAULO**

O “Prêmio Solano Trindade para Jovens Criativos das Escolas de Artes Cênicas”, da SP Escola de Teatro, instituição da Secretaria de Cultura e Economia Criativa do Estado de São Paulo, é mais uma das grandes iniciativas do Governo do Estado com o objetivo de fomentar o desenvolvimento de novos projetos de pesquisa com a temática ou produção de artistas afrodescendentes, sob gestão da Associação dos Artistas Amigos da Praça (Adaap).

O concurso cultural, criado há dois anos, busca destacar e promover produções culturais, ampliando o acesso. O concurso de dramaturgia para jovens autores negros revela a importância de se investir nas artes cênicas, que movimentam a economia e geram emprego e renda, seja no palco ou nos bastidores. Além de levar entretenimento para diversas pessoas ao redor do mundo.

A Secretaria de Cultura e Economia Criativa do Estado de São Paulo parabeniza aos contemplados, ao Ivam Cabral, diretor da Adaap, pelo trabalho realizado à frente do projeto, e ao Governador do Estado de São Paulo, mostrando a importância da valorização de autoras e autores negros.



Prefácio:

**Personagens que Narram as
Desventuras de um Tempo!**



por
ALDRI ANUNCIAÇÃO

Ao analisar todos os textos inscritos no Prêmio Solano Trindade 2021, a partir de uma perspectiva poética, tivemos a possibilidade de ter acesso às interferências não somente temáticas que uma crise mundial de saúde (sem precedentes na história contemporânea) provocou nas produções da dramaturgia escrita brasileira de novos dramaturgos negros e dramaturgas negras.

Além do quesito temático, os textos participantes dessa edição do Prêmio promovido pela SP Escola de Teatro nos revelaram os efeitos confinantes e pandêmicos nos modos de construção da cena para o palco. Uma explosão criativa que articulava modos tradicionais em consonância dialógica com modos irruptivos de dramaturgia, muitas vezes em um mesmo material de cena. Novas autoras negras e autores negros que manifestaram, através da construção de cenas escritas para o teatro, suas inquietações, esperanças e desesperanças, alegrias e angústias, abafos e desabafos, por meio de réplicas de personagens que muitas vezes extrapolavam o ambiente confinado aos quais seus criadores e criadoras estavam submetidos devido às restrições protocolares que visavam proteger a humanidade de um vírus. Aquela situação contaminou os artistas com o desejo libertário de criar histórias que de certa forma documentam uma poética de um tempo específico: o tempo pandêmico.

Eu e a banca julgadora (Jhulia Santos, Viviane Pistache e Miguel Arcanjo Prado) tivemos o privilégio de testemunhar esse imbróglgio poético e suas consequências para as artes cênicas, emulados naqueles meses de 2020/21.

A completude de textos inscritos no Prêmio Solano Trindade transportava uma qualidade marcante e específica nas suas poéticas. O que tornou difícil a seleção dos três textos dramáticos que vemos agora publicados nesta edição. Desejo que as leitoras e os leitores, espectadoras e espectadores, assim como encenadoras e encenadores desses textos, aproveitem ao máximo a potência criadora dessas personagens que falam e contaminam a nossa atmosfera imaginária e também prática do nosso mundo real, eternizando em escrita preta a fala de um tempo inesquecível que vivemos.

E viva... aos nossos autores e autoras de teatro!

ALDRI ANUNCIAÇÃO

*É um ator, dramaturgo, roteirista, apresentador de televisão e diretor brasileiro. Autor do sucesso **Namíbia, Não!** que originou o Longa-metragem **Medida Provisória**, dirigido por Lázaro Ramos.*

*É âncora do programa **Conexão Bahia** e do programa **Conversa Preta**, ambos da Rede Bahia/Globo.*





Atropelo

por
AMANDA CARNEIRO



PERSONAGENS

- *Dodó*
- *Candinha*
- *Coro de Mulheres*
- *Fátima, filha de Dodó*
- *Dono do Ferro-velho, pai de Fátima e viúvo de Dodó*

DESTACA-SE

- *A personagem Dodó é necessariamente negra;*
- *A personagem Candinha é necessariamente trans;*
- *Qualquer personagem pode ser interpretada por pessoas negras;*
- *Qualquer personagem pode ser interpretada por pessoas trans;*
- *A peça se passa inteira no mesmo espaço: um ferro-velho. Ainda que o ferro-velho seja uma oficina, uma casa ou mesmo uma festa no mundo das (i)mortais.*

*Dedico essa peça às minhas guardiãs
Mãe Maria, Mãe Senhorinha, Bisa Isaura e Vovó Socorro.*

ATO I

CENA UM

Anoitece.

Som de buzina e batida de carro é ouvido.

Surge em roda o Coro de Mulheres.

CORO DE MULHERES

Agora, sim!

Reunidas!

Agora, sim!

Amadas, bem-quistas

Aquelas que

No cotidiano terrestre

Foram as desventuradas

Vadias!

Ah!

Esta noite é a noite

Do *Atropelo*

Das acidentadas

Das que não envelheceram

Mas organizaram a roda

Giraram a terra

Semearam o tecido
Costuraram a festa!

Ah! Esta noite é a noite
Das incansavelmente vencidas
Das que foram reduzidas
E que não morreram

Nomearem seus desassossegos
Descansaram seus medos
Acordaram seus sonhos
Multiplicaram seus desejos!

Bem-vinda aquela que como nós
Amou
Amou
Amou

Bem-vinda aquela que como nós
Odiou
Odiou
Odiou

Que como nós
Depois de enterrada
Continuou a parir filhas e filhos
Continuou dentro e fora do trilho
Continuou a fazer amigas e amigos
Continuou cavando saudades e abrindo caminhos.

O Coro de Mulheres revela Dodó.

CORO DE MULHERES

Qual o seu nome?

DODÓ

Me chamo Dodó!

CORO DE MULHERES

Quem é Dodó?

DODÓ

Uma pessoa... Alguém.

CORO DE MULHERES

Então diga

Qual o seu nome?

DODÓ

Dodó... Dorvalina Donato dos Reis.

CORO DE MULHERES

Quem é Dorvalina Donato dos Reis?

DODÓ

Alguém... Uma mulher!

CANDINHA

Quem é a mulher... Dodó?

DODÓ

Essa voz...

CORO DE MULHERES

E quem é a mulher...

Dodó?

DODÓ

Não é ninguém!

Nem mesmo existe...

CANDINHA

Se nem mesmo existe,
o que faz alguém que é mulher,
que tem por nome Dorvalina
e que está exatamente aqui, diante de nós?

DODÓ

Eu te ouço! Eu conheço a tua voz!

CORO DE MULHERES

E o que faz aqui diante de nós?

DODÓ

Eu respondo...

Pois é somente isso o que tenho feito.

CANDINHA

É alguém que só responde: é um resto.

CORO DE MULHERES

Alguém que só responde
Você, mulher, é um resto.

DODÓ

Sou isso!

CANDINHA

De que todo é o resto que você é?

DODÓ

Candinha?

CORO DE MULHERES

E de que todo é o resto que você é?

DODÓ

É você, Candinha! Eu te respondo, minha amiga!
Sou o resto do todo que nunca cheguei a ser!

CANDINHA

É apenas o resto do todo que podia ter sido, mas não foi!

CORO DE MULHERES

Apenas um resto que ainda pode ser!

*O Coro de Mulheres é visto por Dodó.
Elas a aplaudem por um minuto.
Dodó se senta.*

*O Coro de Mulheres começa a preparar o festejo.
Candinha se revela e se aproxima de Dodó.*

DODÓ

Eu nunca fui aplaudida.

CANDINHA

Nem vaiada?

Nem banida?

DODÓ

Senti como se estivesse debaixo de chuva,
não de tempestade... O que elas fazem?

CANDINHA

Veja como são as coisas. Nós, sempre juntas, sempre por
perto, mas nunca festejamos. Sempre prometemos sair
quando crescidas.

DODÓ

Nos perdemos depois de crescidas.

CANDINHA

Agora elas preparam tua chegada com alegria.
E eu vou me juntar a elas, mesmo estando dividida
entre a dor e a alegria...

Por saber que o que te trouxe pra perto de mim foi
o mesmo que me tirou de perto de ti.

DODÓ

Parece que tudo na vida é despedida.

CANDINHA

Bem-vinda ao *Atropelo*. Hoje foi você que deixou alguém com saudade.

*Fátima entra em casa chorosa.
Em cima da mesa está uma garrafa de pinga.
Fátima se senta de frente para a garrafa.*

FÁTIMA

E agora?

*Fátima se levanta apressada atrás de um copo.
Acha um, mas ele escorrega da sua mão,
cai e se quebra.*

FÁTIMA

E agora?

*Entra na casa o Dono do Ferro-velho que segue
sem olhar para Fátima direto para a oficina.
Fátima fica apreensiva.
Quando ele sai de sua vista ela se agacha para
limpar o chão com cacos.*

FÁTIMA

Então agora é
Agora é...

Sem mãe
Sem a mãe da minha mãe
Sem a mãe da minha mãe da minha
Mãe

E agora?

Fátima olha para a garrafa.

FÁTIMA

Eu só quero
Saber.

CENA DOIS

O Dono do Ferro-velho se debruça sobre um veículo destruído. Joga as peças amassadas longe, com violência. Liga o rádio. Sons de carros em alta velocidade são ouvidos imediatamente.

RÁDIO

O grande prêmio... o campeão... Max ou Lewis...
pole position... as máquinas esse ano... performance...
o último acidente... de ponta... câmeras exclusivas...
41ª vitória... recorde de velocidade... foi dada a largada...
crucial... a equipe se prepara... pit stop...
pneu intermediário... 56 voltas... genial... o campeão...
temporada passada... 8ª volta... o jogo virou.

DONO DO FERRO-VELHO

O mais rápido vence...

Fátima se aproxima sem que o Dono do Ferro-velho perceba.

FÁTIMA

Pai?

O Dono do Ferro-velho não a ouve e continua retirando com força as sucatas.

DONO DO FERRO-VELHO

O mais veloz. O mais rápido.

FÁTIMA

Pai?

Fátima toca seu ombro.

DONO DO FERRO-VELHO

Dodó?!

É você.

FÁTIMA

Me desculpe.

DONO DO FERRO-VELHO

...

FÁTIMA

O senhor achou que eu fosse...

DONO DO FERRO-VELHO

Você é, Fátima.

FÁTIMA

Eu não sou a minha mãe.

DONO DO FERRO-VELHO

É ela.

FÁTIMA

O que o senhor tem?

DONO DO FERRO-VELHO

É ela.

FÁTIMA

Não falou nada no velório.

DONO DO FERRO-VELHO

É ela.

FÁTIMA

Não quis saber do enterro.

DONO DO FERRO-VELHO

É ela.

FÁTIMA

Pra que um marido igual ao senhor?

Pra que um pai?

Pra que um homem igual ao senhor?

DONO DO FERRO-VELHO

É ela no cheiro! É ela com a cachaça na mão, o vômito no chão, o corpo amolecido! Vai me dizer que não, Fátima?

Se não sabe pra que um pai como eu, também não sei por que sustentar um desperdício!

Fátima sai. O Dono do Ferro-velho aumenta o volume do rádio, em seguida retorna aos destroços. Enquanto isso O Coro de Mulheres canta o preparo do festejo.

CORO DE MULHERES

No pote de barro

O preparo do Aluá

Quem com ele refrescou

Quem com ele refrescar

À infância há de voltar

Abacaxi ou milho

Mascavo ou rapadura

Há quem fermente com o pão

Haja sol e haja lua

No preparo do Aluá

Algumas mulheres do Coro trazem potes de barro e com eles formam um círculo. Outras amarram panos nas bocas dos potes. Candinha carrega uma rede e a arma num canto. Dodó Lá se senta e observa o movimento.

CORO DE MULHERES

Da índia os cravos
Mais gengibre e erva-doce
Ferve-ferve o sabor
Coa nossa água doce
O Aluá vamos brindar

CANDINHA

Dodó
Venha e cante conosco.

DODÓ

E onde deixo o medo de não saber acompanhar Candinha?

CANDINHA

Há mais terra embaixo da terra que nos carrega.
Deixe lá.

DODÓ

Vocês cantam como que encantadas.

CANDINHA

A mágica está no mundo que deixamos de habitar.

DODÓ

Como posso ver tudo
E sentir tudo
Então?

CANDINHA

O aluá te atiça o olfato?

DODÓ

Como se criança estivesse debaixo da saia de minha avó
que o mexe com capricho!

CANDINHA

Quando viu tua avó encolhida
Com medo de mexê-lo?

DODÓ

Minha amiga, ela nunca sentiu esse medo
Preparava a bebida como se respirasse!

*O Coro de Mulheres vai até Dodó e a conduz
até o centro.*

Candinha serve Dodó com o Aluá.

Dodó rejeita.

O Coro de Mulheres para de cantar.

CANDINHA

Dodó, esse teu medo, profundo medo de dar voz ao som
da tua alma. Ele é anterior a ti. Mas ele não é anterior às
vidas que são as ancestrais da tua vida.

CORO DE MULHERES

Vidas ancestrais das nossas vidas.

CANDINHA

Ainda que a gente sinta – sente? – o calor e o frio que percorre nossos corpos hostilizados... É este som que nos move. E o que move este som?

CORO DE MULHERES

O que move este som
Senão a nossa história?

CANDINHA

Dodó, qual a tua história?

DODÓ

Eu sinto
Sinto que não cheguei a nascer
Apesar de sentir que morri
Não sinto que nasci
Como contar a minha história, Candinha?
Se não cheguei a nascer?

CANDINHA

Pois então eu conto a história daquela que nasceu de sua própria morte e que morreu apenas por estar viva.

CORO DE MULHERES

Morremos pois nos fizemos vivas.

CANDINHA

Eu¹

Filha do carbono

Nasci do parto que pariu a todas nós

Atadas a mundo indócil.

Porém, diferente de ti, me chamaram

Monstra de obscuro esplendor.

CORO DE MULHERES

Monstras de obscuro esplendor.

CANDINHA

Sofri desde a infância

Fabricada infância

A influência má dos determinismos.

Vestes – vista! – masculinas

Sob porrada.

CORO DE MULHERES

Masculinas sob porrada

Femininas sob porrada

Masculinas sob porrada

Femininas sob porrada.

1. Trecho inspirado no poema "*Psicologia de um Vencido*", de Augusto dos Anjos, com algumas frases de Candinha sendo citações diretas do poeta.

CANDINHA

Profundamente sensível
Fui expulsa dos ambientes
Aqueles que já me causavam repugnância...

Os mesmos que me fizeram subir à boca
Ânsia que me enterrou como cardíaca.

CORO DE MULHERES

Ansiosos
Corações
Arrancados em praça.

CANDINHA

Atirada em valão acharam que iriam acabar com a minha história.

CORO DE MULHERES

Mas outras de nós nasceram e se batizaram com o cuspe
que um dia engasgará tantas bocas.

CANDINHA

Aqui
Comi o verme que me comia
E me tornei
Operária das ruínas.

CORO DE MULHERES

E nos tornamos

Operárias das ruínas
Filhas da guerra que nos declararam em vida.

CANDINHA

E para que se una a nós
No *Atropelo*

CORO DE MULHERES

E para que a terra infértil
Onde depositaram teu corpo e nosso corpo
Não caia mais uma vez sobre nós...

CORO/CANDINHA

Dodó, conte a tua história.

CENA TRÊS

*Na cozinha Fátima põe água para ferver
e procura por ervas.*

FÁTIMA

Como me livro do cheiro
E da tristeza que era dela?

Como me livro do hálito
E dos pesadelos que eram dela?

Como não morro engasgada

Maltratada pelos amores dela?

Fátima abre todas as gavetas e encontra uma caixa.
Retira de dentro dela inúmeras cartas.
Senta-se e lê a primeira.

DODÓ

Acabo de descobrir
Algo que sempre soube.

Geralmente
Descubro que dormi
Só quando acordo
Descubro que caí
Só quando levanto
Descubro que sumi
Só quando alguém
Vem a me achar.

Era você quem me achava
Candinha?

CANDINHA

Não há mais esconde-esconde.

DODÓ

Descubro que menti
Apenas quando me pedem para contar
A história verdadeira.

CORO DE MULHERES

Dodó

Conte sua história verdadeira.

DODÓ

Quando estou sozinha

Lembro

E porventura

Falo o que houve

Como houve

E não como me disseram que

Ocorreu.

CANDINHA

Ela precisa se sentir

Só.

DODÓ

Que sede

Que dor.

CANDINHA

Escondam-se

Ou a própria intimidade não a encontrará.

O Coro de Mulheres e Candinha desaparecem.

DODÓ/FÁTIMA

É mais fácil esquecer

Que lembrar
É mais fácil perder
Que achar
É mais fácil apodrecer
Que durar

*Dodó vai até a rede e se senta agarrando
suas cordas.*

DODÓ

Balançar rede é fácil
Balançar a cabeça é que não é
Pra cima e pra baixo
Pra cima e pra baixo
Balançar a rede
E cantar
Balançar a cabeça
E assentir
Dar de ombros
Sufocar

Suam as mãos
O sangue que não é meu
Corre em meu corpo
O sangue que não é meu
Que se confunde
Em meu organismo
Já parido outras
Três vezes

Duas das quais
Perdi tudo
Perdi a oportunidade
De balançar

*Dodó vislumbra o Dono do Ferro-velho e uma sombra
por trás dele.*

DODÓ

De repente
Vontade de dançar
Vontade de nunca ter deitado
Em teu leito

De repente
Esse sangue que não é meu
Nem teu
Mas a junção
Incompatível de nós dois
De repente ele
É a prova da nossa
Reprovação

*Fátima vai até a rede e com dificuldade tenta
balançá-la.*

DODÓ/FÁTIMA

Éramos já
Três infelizes

Éramos já
Mais choro
Mais vela
E se eu morrer aqui
Nem o nome que
Seria dela
Nem a cantiga que
Cantaria pra ela
Nem a saudade de nós
Nem a saudade deles
Nada quero levar

*Fátima desiste e de joelhos se agarra às
pernas da mãe.*

DODÓ

E se só ela for
Se só pela morte dela
Eu viver
Se nenhum sangue voltar
A importunar o meu sangue
Se nada de ti
Voltar a invadir o meu corpo
Se balançar para mim
Tua cabeça em comunhão
Com meu pedido
Então
De repente
Será possível outras

Cirandas eu dançar
Nossa criança
Eu voltar a alegrar
Teu peito eu um dia
Procurar de novo

*Fátima se desprende de Dodó, volta para
a casa e o assento onde estava.
Candinha e o Coro de Mulheres reaparecem.*

CORO DE MULHERES

Balançar até esquecer
Balançar até
Não mais lembrar.

DODÓ

Como sarar sem Socorro?

CANDINHA

Escutem
Não é possível
Sorar sem Socorro.

*Dodó se deita e desaparece na rede.
Fátima termina de ler a carta em voz alta.*

FÁTIMA

Entre amor
E dor

Em qual dessas balanças
Devo me colocar de novo?

*Fátima Lembra da água que ferve e corre para
apagar o fogo.*

FÁTIMA

Um aborto
Uma criança
Mais de uma
Que nunca conheci.

*Entra na casa o Dono do Ferro-velho com graxa
nas mãos.*

FÁTIMA

Quantas irmãs possuo?
De quantas delas me perdi?

ATO II

CENA QUATRO

*Amanhece. O Dono do Ferro-velho pega um pano
e limpa as mãos. Fátima esconde as cartas.*

DONO DO FERRO-VELHO

Falando sozinha.

FÁTIMA

E não é sempre assim?

DONO DO FERRO-VELHO

Quando a tua mãe vivia aqui eu tinha pelo menos alguém pra me escutar.

FÁTIMA

Sim

Por isso não sou ela.

DONO DO FERRO-VELHO

A semelhança de vocês é Amargura.

FÁTIMA

O senhor quis mesmo dizer
Aguardente.

DONO DO FERRO-VELHO

...

FÁTIMA

Me ofender é fácil
Já me explicar por que ela preferia se embriagar
A olhar na sua cara
Não deve ser.

DONO DO FERRO-VELHO

...

FÁTIMA

Por quê?

DONO DO FERRO-VELHO

Eu disse o que eu disse

Se quiser choramingar ao invés de me pedir a benção...

(Liga o rádio) Te escuto.

FÁTIMA

...

RÁDIO

(vozes em diálogo)... ele pode até ser o mais veloz da atualidade, mas o maior de todos os tempos sem dúvida foi... convoco mais uma ilustre opinião... bom, com as variantes de tecnologia, período, qualidade da pista... apesar disso... morreu, mas morreu no topo... não?... obrigado... empatamos?... a história dirá...

Fátima pega a garrafa de cima da mesa e tenta jogar no chão.

O Dono do Ferro-velho a impede.

Ela se desvencilha dele e desliga o rádio.

FÁTIMA

Quando minha mãe era viva eu tinha pelo menos alguém pra me escutar.

Mas ela morreu
E por quê?
Benção...
Nada.

Por que o senhor não rezou um terço por ela?
Não acendeu uma vela
Não parou de ouvir esse rádio imundo
Essa fórmula um...
Senhor, essa fórmula um dia me mata!

*Dono do Ferro-velho se assusta.
Senta-se.*

DONO DO FERRO-VELHO

Dois irmãos
Um menino e uma menina
Foram dois antes de ti
Depois de ti
Mais uma menina
Dodó não segurou
Nenhum
Perdeu
Não tem culpa
São anjos
Pronto.

FÁTIMA

Vocês nunca me disseram.

DONO DO FERRO-VELHO

Ela não aguentou de tristeza
Pronto.

FÁTIMA

E o senhor o que fez?

DONO DO FERRO-VELHO

Trabalhei
Sustentei vocês
Pronto.

FÁTIMA

E por eles o senhor acendeu alguma vela?

DONO DO FERRO-VELHO

O quê?

FÁTIMA

Pelas meninas e pelo menino
Acendeu alguma vela?

DONO DO FERRO-VELHO

Não pense nesse negócio de irmãos
Já passou
Pronto.

*Candinha aparece e se põe ao lado do Dono
do Ferro-velho.*

CANDINHA

O que é um irmão?

FÁTIMA

Um filho e duas filhas

Seus!

CANDINHA

Eu falo

Não me ouvem.

*Dono do Ferro-velho se Levanta, aproxima-se
de Fátima e a serve uma dose de cachaça.*

DONO DO FERRO-VELHO

Fátima

E pelo seu pai

Alguma vela vai acender

Quando ele morrer?

FÁTIMA

Eu não sei.

Fátima bebe e sai.

DONO DO FERRO-VELHO

Pronto.

CENA CINCO

O Dono do Ferro-velho bebe o resto da cachaça no gargalo. Vai até o fogão, pega a chaleira que fervia água e segue para a oficina. Lá, despeja a água no chão. Candinha o acompanha.

DONO DO FERRO-VELHO

É por isso que eu não suporto ervas. Não suporto nada disso que ferve, nada disso que borbulha, que se mistura. Esse chá serve pra isso, o outro praquilo... Serve pra nada. Arruda, canela, hibisco... Se essa menina soubesse. Se ela soubesse. Nenhum deles fez vingar meu menino. O que fizeram foi ajudar que tirassem ele de mim! E agora você me escuta Dodó, pela última vez me escuta, se não fosse o meu pé no acelerador, se não fosse a minha rapidez em te levar pro Socorro, a Fátima não iria saber nem como é teu rosto! E eu tenho certeza de que qualquer outra que eu arrumasse seria mais mãe pra ela, mais esposa pra mim do que você!

CANDINHA

Com quem você fala?

Com a minha amiga é que não é!

O Dono do Ferro-velho volta para o conserto do automóvel.

DONO DO FERRO-VELHO

Esse é meu garoto. Esse cruzou todo o país. Milhares de quilômetros, mas quem sabe o que é isso? Quem viu uma

estrada? Eu não só vi, eu vivi! Quando a gente só tinha fome e qualquer coisa era lonjura, foi meu avô que mudou tudo. Se arriscou, foi com outros abrir a mata pra deixar passar a trilha. Meu pai já foi adiante, ficou amante da rodovia, mil caminhos e mulheres! Trazia fruta e fartura de toda região. Com esse aqui (*faz gesto para o veículo*) nunca faltou trabalho. Esse aqui nunca deixou a gente na mão.

CANDINHA

Não?

DONO DO FERRO-VELHO

Quem entende disso mais que eu? Peguei tudo o que me deram e corri. Viajei tanto quanto um homem pode se distanciar pra sentir saudade da família. Nunca tive medo da velocidade! Então, não tão velho quanto eu gostaria, seu Pedro morreu.

CANDINHA

Para um homem mais parecia uma pedra
Era pobre o nosso pai.

DONO DO FERRO-VELHO

Voltei. Montei minha oficina. Todos vinham até mim.
Quem não quer o conserto daquele que nunca estancou na rodovia? Eu pude ajudar meus irmãos e minha mãe.
Eu ajudei cada um que merecia.

Candinha aparece para o Dono do Ferro-velho.

CANDINHA

Dispus meus méritos
Mas não tive a tua atenção.

O Dono do Ferro-velho se assusta.

DONO DO FERRO-VELHO

Quem?!
É você!

CANDINHA

Senti que alguém devia te escutar
Podia ser outra pessoa
Mas eu sei como é falar para o silêncio.

DONO DO FERRO-VELHO

Viva?

CANDINHA

Para quem me ama ou sente remorso por mim
Sempre.

Qual o teu caso?

DONO DO FERRO-VELHO

Nem amor nem remorso.

CANDINHA

Então por que estou aqui?

DONO DO FERRO-VELHO

É um irmão intrometido.

CANDINHA

Essa qualidade nunca tive
Cuidei sempre do que é meu.

DONO DO FERRO-VELHO

Nada é teu
Nada aqui é teu!

CANDINHA

Eu diria o contrário
Já que só se expulsa a quem algo pertence.

DONO DO FERRO-VELHO

Te jogaria na lama outras mil vezes.

CANDINHA

A lama
Água cristalina perto de ti.

DONO DO FERRO-VELHO

E o que você é?
Me diz o que você é!

CANDINHA

Nada muito diferente desses carros
Você os monta

Eu montei a mim própria.

DONO DO FERRO-VELHO

Como quer que eu tenha remorso por ter despejado você?
Era o filho mais velho, o mais ágil e inteligente, a promessa
de futuro da nossa família...

CANDINHA

Que de tantas formas se cumpriu.

DONO DO FERRO-VELHO

Vá embora
A não ser que tenha vindo me buscar.

CANDINHA

Se vim pela tua morte?
Talvez
Ainda que a morte não nos leve para o mesmo lugar.

DONO DO FERRO-VELHO

Que seja!
Prefiro ir com você
Já perdi muito
É o mesmo que morrer.

CANDINHA

A morte não é a soma das perdas
Mas se perder é em si uma morte.

DONO DO FERRO-VELHO

Não me engane
Ela vem em breve?

CANDINHA

Nesta superfície o tempo encurta quando se anda rápido demais.

*Fátima é rodeada pelo Coro de Mulheres.
Ela abre uma sequência de cartas de Dodó
e as Lê com atenção.*

*Querida Candinha,
Hoje consegui mais uma cliente. Vou lavar as roupas dela e da cunhada com capricho até o próximo sábado. Quem sabe de tardezinha colocando pra secar elas não ficam prontas até segunda. E quem sabe, pegando esse dinheiro, no outro fim de semana eu possa te visitar. Por isso eu peço, espere por mim, não desista de mim! Ainda convenço teu irmão a me levar. E quem sabe vocês façam as pazes, e quem sabe não voltamos todos a morar juntos. Tua mãe anda doente e fala sempre de ti. Ela chora baixinho, mas eu consigo escutar de qualquer lugar da casa, como se gritasse em meu ouvido. Eu te digo, minha amiga, com pesar no coração, que ela sofre pois crê que perdeu sua criança, porque teu irmão inventou essa mentira, disse que já não está aqui. E quem acredita nele? Ela, tua mãe, não eu. Deixamos combinada a visita, então?*

Minha Candinha,

A Fátima cresce rápido. Ela fala pelos cotovelos, braços, pernas, corpo todinho. Pergunta sobre tudo e eu já ando sem paciência pras boas respostas, respostas de mãe. Você vai gostar de saber que ela adora batons vermelhos e vive passando os que ficaram na tua cômoda. Se entrasse pela porta agora, ela seria capaz de te reconhecer pelo cheiro, porque descobriu aquele perfume cítrico, o teu preferido. Conto sempre de nós pra ela, de todas as meninices, porque é lá que estão minhas boas memórias. Quero te dizer em primeira mão que estou grávida. Fique feliz por mim, já que eu mesma não me sinto assim. Ainda não contei pro teu irmão. Ele anda mais bravo que nunca depois da morte da minha sogra. A Fátima se esconde dele debaixo da tua cama. Às vezes chega a dormir por lá. Quero saber de ti, já que mal nos vimos na missa de sétimo dia e você não me pareceu bem. Aqui em casa a novena vai seguir até o final de agosto. Eu te convidaria, mas não quero que te maltratam mais uma vez. Me sinto atada e só. Me diga que está bem, assim pulo a saudade e me aquieto.

Cândida Maria,

É grave. Como explicar? Essa criança cresce, mas não deveria. Ela me atormenta a cada segundo. O que é a eternidade senão isso? Eternamente infeliz. Não é do teu irmão, é do teu pai. Ele não está aqui, mas está! Ele não me violentou dessa vez, mas eu sinto como se assim fosse. Assim é. Só penso numa coisa, em matá-la e fugir. Preciso de perdão, mas quem me perdoaria? Me ajude!

O que uma mulher pode fazer com tamanho desespero?

Candinha,

Não sei de ti, não sei de nada. Meu corpo já não me quer aqui. Minha mente foi embora há muito tempo. Pode alguém querer tanto morrer ainda que já se sinta sem vida? Você se foi mesmo? Todos parecem ir embora com esse vento que não passa. Filhos, sogra, você. O que é o intervalo entre uma perda e outra? Ele existe? Não me recupero do último aborto, nunca me recuperei de nenhum. Choro por eles e não olho minha filha, choro por ti e não me olho. Teu irmão some. Ele tem prazer com outras. Uma delas pariu dele também, a criança não resistiu... também. Me enjoa cada pedaço de vida que me sobra e te falta. Me enjoa estar aqui.

CENA SEIS

Fátima larga as cartas e vai até o Dono do Ferro-velho. Não vê Candinha, apenas o pai. O Coro de Mulheres os cerca.

DONO DO FERRO-VELHO

(para Candinha) Então que seja rápido!

FÁTIMA

Meu Deus,
O que o senhor é?

De onde vem?

DONO DO FERRO-VELHO

Breve, veloz!

Que eu seja atravessado, mas não por qualquer carroça!

FÁTIMA

Sou mais uma de tantas

Que ficaram presas às tuas loucuras...

... E às loucuras

Daqueles que vieram antes de ti...

DONO DO FERRO-VELHO

Mercedes, BMW, Volkswagen

O mais veloz vence!

FÁTIMA

Faço parte disso?

É disso que devo me orgulhar?

Eu já tenho a resposta

Não acenderia um fósforo

Nada pelo senhor!

*O Dono do Ferro-velho joga uma chave nas mãos
de Fátima.*

DONO DO FERRO-VELHO

Essa é tua herança.

FÁTIMA

Uma carcaça!

DONO DO FERRO-VELHO

Faça bom proveito!

CORO DE MULHERES

Aquele que nunca soube a diferença
Entre o ferro e a ferrugem...

DONO DO FERRO-VELHO

(*ao coro*) Quem são vocês?
O que eu fiz?

CORO DE MULHERES

...Soldou-soldou e nos enterrou
Como um soldado da morte.

FÁTIMA

O que fez?!

Pergunte a tua irmã o que fez

Pergunte a minha mãe

A todas nós!

DONO DO FERRO-VELHO

Eu giro... chave na ignição... aqueço o motor...
reclino ao máximo o assento... o volante se guia sozinho...
a sensação de autódromo... o cheiro da gasolina...
da fumaça... a pista toda à minha frente...

asfalto como tapete... do que mais preciso...
nada... pronto.

CORO DE MULHERES

Do que mais precisa?

DONO DO FERRO-VELHO

50 km/h... 80 km/h... 120 km/h... 290 km/h... 370 km/h
É o grande prêmio. Tantos ficaram pra trás.
Estouro o champanhe. Próxima corrida.
Estou pronto.

CORO DE MULHERES

Do que mais precisa?

*O Dono do Ferro-velho pega as chaves das mãos
de Fátima.*

FÁTIMA

Não se dirige assim!

DONO DO FERRO-VELHO

As vozes em meu ouvido me pedem pra parar mas
desacelerar pra quê se deslizo como óleo se rasgo a
adrenalina que me percorre se como um soco atravesso
o peso à minha frente As vozes em meu ouvido me
imploram pra que pare mas não posso desperdiçar meu
talento corpo que cai As vozes insistem na lentidão As
vozes querem que eu falhe mas pra quem falhar é uma

opção pra quem corpo caído Mais uma volta Deslizo como
graxa Novamente esse peso Esse peso me olha com olhos
que desconheço Meia volta não basta Os buracos querem
comer os pneus eles não me enganam mais uma volta
A vida é só uma colisão mais uma volta pronto pronto
pronto Paro grito com as sirenes estanca estanca estanca
Corpo mais pesado que a máquina olhos que desconheço
o sangue pode ser preto como gasolina Respira ou morre
logo de uma vez olhos que desconheço.

Dorvalina vai até o Dono do Ferro-velho.

DORVALINA

Agora me chama
Os olhos que mais conheço.

*O Dono do Ferro-velho entra no carro
e acelera até bater numa pilha de sucatas.
Fica preso às ferragens.*

DORVALINA

Quem foi acidentada?
Quem a tua carroceria arrancou do mundo?

Fátima tenta tirá-lo das ferragens sem sucesso.

FÁTIMA

É grave! O que faço?
O que faço
Pai?!

DONO DO FERRO-VELHO

O que eu fiz.

FÁTIMA

Não entendo

Murmura

Mas não entendo...

Desejei isso?

DONO DO FERRO-VELHO

Dodó

Te vejo?

DORVALINA

Talvez se fechar os olhos

Possa me enxergar.

DONO DO FERRO-VELHO

Apenas te ouço.

DORVALINA

Apenas me ouve

Em vida já seria o suficiente.

DONO DO FERRO-VELHO

Foi pra te encontrar

Que morri?

DORVALINA

Não se morre por isso
Em todo caso
Guarda essa pouca vida
Que te sobra
Vai precisar.

CORO DE MULHERES

Quem está preso não vive por inteiro
E não se pode morrer pela metade.

CANDINHA

Nem viver
Sendo a metade do que poderia ter sido.

DONO DO FERRO-VELHO

Detido
No meio do caminho!

CORO DE MULHERES

Para se libertar
Peça ajuda.

DONO DO FERRO-VELHO

A quem devo pedir ajuda?

Fátima consegue pôr a mão sobre o peito do Dono do Ferro-velho.

FÁTIMA

Ainda bate.

Pai

Está aqui?

DORVA/CANDI/CORO

Com esforço é possível enxergar

A quem se deve pedir ajuda.

EPÍLOGO

Fátima perde o ar. Desaparece o ferro-velho e seu pai. Ela começa a sentir o perfume de Candinha que está próxima e reestabelece o respiro.

FÁTIMA

(à Candinha) Sinto aquela que me perfumou a infância!

CANDINHA

Se prestar atenção

Perceberá que todas compartilhamos o mesmo cheiro.

Fátima vê Candinha e o Coro de Mulheres.

FÁTIMA

Minha tia

Não somos iguais

Olhe meu pai
O que fiz
Olhe o que me tornei
Pra minha mãe.

CANDINHA

Quem fala é a tua boca
Mas não é essa a tua voz.

FÁTIMA

Preso ao meu pai
E ao pai do meu pai
A partir daqui
O que posso ser?

CORO DE MULHERES

Ela pergunta o que pode ser!

CANDINHA

A água que torna caudaloso o rio
É capaz de matar a sede ainda que
Reduzida em um copo.

Procure melhor as margens e ache quantas forem
necessárias em tua caminhada.

FÁTIMA

Órfã de tudo
Desejante da morte

Essa dentre tantas outras
Qual culpa preciso carregar?

DORVALINA

Vejam só
Minha Fátima se diz órfã!

Menina, ouça e me responda
Quantas mulheres não pariram para que teus olhos vissem
o amanhecer?

FÁTIMA

Minha voz
Da minha mãe?

*Fátima enxerga sua mãe. O Coro de Mulheres
a leva para próximo dos potes com Aluá.
Dorvalina acompanha e lhe serve.*

DORVALINA

Antes que beba
Verifica qual a tua sede.

*O Coro de Mulheres, Candinha e Dorvalina
se despedem de Fátima. Caminham com os potes,
celebrando com danças e cantos.
Fátima não bebe. Fica com o copo na mão.
Vê que está de volta ao ferro-velho com seu pai.
Um pote de barro permanece.*

AMANDA CARNEIRO

*É dramaturga, poeta e compositora paraense. É mestra e graduada em Teatro pela UDESC e UFPA, respectivamente. Integrou o Núcleo de Dramaturgia do SESI-SP (2020) e o Círculo de Dramaturgias do SESC-SP (2021). Possui poemas em revistas Literárias e coletâneas como **Trama das Águas**, publicada pela Monomito Editorial. Coautora da peça teatral **Zeca de uma cesta só**, vencedora do Prêmio Especial do Júri pela capacidade de criação de uma arte política do Festival Internacional de Teatro Universitário de Blumenau-SC (2016) e autora da peça **Estados de Consciência**, publicada pela SESI-SP Editora.*





Limiar

**ou Primeiro impulso
para que algo aconteça**

por
AMANDA PESSOA



Prólogo:

O que levar em uma situação de refúgio?

Para assistir ao espetáculo, o público atravessa um corredor cheio de sapatos², em alguns deles é possível observar frases sobre o que foi deixado para trás. O elenco pergunta ao público sobre o que levariam se estivessem em uma situação de refúgio. Nesta travessia, as músicas Sangue Latino (Ney Matogrosso), Conheço o meu Lugar (Belchior) e Um corpo no mundo (Luedji Luna) são reproduzidas.

1. Peça escrita através de entrevistas e pesquisas, com orientação de Igor Schiavo, Junia Pereira e Michel Mauch.

2. A referência é a exposição *The Long Walk*, que em português significa “a longa caminhada”. A série feita por Shannon Jensen buscou retratar em suas fotografias as distâncias percorridas por cerca de 30.000 refugiados.

*Ao chegar dentro do espaço de encenação,
algumas pessoas receberão coletes salva-vidas.*

*A plateia é dividida em duas – uma arquibancada
de frente para outra. Entre as arquibancadas
temos cercas de arames farpados.*

*O chão é coberto por areia, vemos um feixe
de luz sobre uma pequena ponte de tijolos.*

*Ao chegar no interior da caixa preta,
o público ouve e vê um trecho do documentário
Eu sou atlântica, onde se diz:*

*(...) “Ó paz infinita, poder fazer elos de ligação
numa história fragmentada. África e América
e novamente Europa e África. Angola. Jagas.
E os povos do Benin de onde veio minha mãe”
(Beatriz Nascimento, 1989)*

Blackout.

Cena 1 - Travessia

*Aqui frases que foram ditas pelo público, Lá no
início, serão ditas pelos atores, atrás da coxia.*

- Pegou tudo?
- Veste uma em cima da outra!
- Minha mãe!
- Coloca a roupa do seu irmão!
- As fotografias!

- O cachorro!
- Meu cigarro!
- Papel, caneta e arte!
- Um dia a gente volta!
- Um dia a gente volta.

A luz se abre e uma batucada é tocada ao vivo no palco.

O palco estará coberto por areia, podemos ver alguns blocos velhos de construção, enfileirados ao centro.

Os atores/personagens entram no espaço e parecem se divertir atravessando a pontezinha de blocos enfileirados. Essa travessia vai se tornando mais rápida e rígida, à medida que a música também se transforma em algo mais agressivo. Cada um dos atores (são seis) pega um bloco (que agora são malas). E se aproximam das cercas diante do público (três atores para cada lado).

MULHER HAITIANA

Eles carregam bagagens de pedras

Pedaços pedrinhas

Das coisas que não puderam levar

O peso das suas formações não mais aceitas

E diferentes tipos de obstáculos

Um pouco de terra

Da sua terra

Tangerinas algumas tangerinas
Um corpo vivo
Que já morreu
Levam um lar todo nas costas
Levariam se pudessem

HOMEM ANGOLANO

O que fica para além das fotografias?
Quando até mesmo as fotografias se perderam
na fumaça?

MULHER SÍRIA

Se encharcaram de ressaca. Na areia salgada...
Os rostos queimando no frio do mediterrâneo.
Ou no calor do deserto. O que nos atravessará?

MULHER SUDANESA

Enquanto somos reféns da nossa própria humanidade!

MULHER VENEZUELANA

Para onde se vaga?
Onde tem vaga?
Quanto se paga?

MULHER HAITIANA

Aqui estamos lotados!

HOMEM ANGOLANO

Aqui estamos lotados

MULHER SÍRIA

Aqui estamos lotados!

MULHER SUDANESA

Já temos os nossos!

HOMEM ANGOLANO

E o que fica daqueles que não se pode levar?

O que você levaria?

CRIANÇA

O que você Levaria?

MULHER SÍRIA

Quanto tempo leva até que todos cheguem?

HOMEM ANGOLANO

Muitos dos meus irmãos continuam a vagar

MULHER HAITIANA

Quanto tempo leva até que todos cheguem?

CRIANÇA

Perdemos alguns no caminho...

Atriz 1 é a que faz a mulher haitiana.

Atriz 2 é a que faz a mulher síria.

ATRIZ 1

Por que não volta?

ATRIZ 2

Água

ATRIZ 1

Por que não volta?

ATRIZ 2

Água

ATRIZ 1

O que vai comer?

ATRIZ 2

Água

ATRIZ 1

Não entendo o que me fala!

ATRIZ 2

Não compreendo o som da sua voz!

MULHER SÍRIA

O que ele precisa é de documento.

MULHER SUDANESA

É!

Documento é algo tão pequenininho...

Mas com um potencial enorme!

CRIANÇA

Faz os seus milagres...

HOMEM ANGOLANO

E ele se virou e fez os seus milagres!

Nos primeiros quatro ou cinco anos... ele virou braço forte
(termo usado por alguns angolanos que trabalham na construção civil na cidade de São Paulo).

ATRIZ 3 – A QUE FAZ A VENEZUELANA

Primeiro você tem que mostrar que é bom no que faz!

Depois eles notam seu lado artístico...

ATRIZ 1

Foi graças a sua mãe que

Olha a bomba!!

Barulhos de bomba encobrem a cena.

Aqui vemos um jogo teatral em que atores trocam de lugares entre si toda vez a cada fala “olha a bomba surgir”. Até que todos saiam de cena.

Olha a bomba!

Olha a bomba!

Olha a bomba...

Olha a bomba...

Cena 2

Musica infantil síria é ouvida – ouvimos muitas vozes de crianças ao fundo e melodia de piano.

Entra uma atriz que aqui representa Adi Hudea, de 4 anos, uma criança que ficou conhecida nos meios de comunicação e que ainda é presente no imaginário de muitos de nós. Criança que confundiu uma câmara com uma arma e fez gesto de quem se rende para um fotógrafo.

A atriz está com uma boneca de pano nas mãos. Ela espia o público por entre os vãos das cercas, dorme, sonha, acorda assustada com barulhos de bomba.

Murmurando diz:

Olha a bomba...

Olha a bomba...

Chama pela mãe – em diferentes línguas.

A personagem passa a boneca pela cerca para alguém do público, faz gesto para que peguem uma arma para ela... o objeto está nos pés de alguém do público...

A imagem de Hudea é projetada em cena.

Assim, a própria pesquisa atravessa a cena.

ATRIZ QUE INTERPRETA CRIANÇA E QUE TAMBÉM PERDEU A MÃE NA INFÂNCIA

Eu não sou refugiada, sou migrante.

Assim como essa criança, também perdi minha mãe.

Mas eu tinha meu pai para me cuidar e não vivia numa guerra...

Cada ator do elenco entrará em cena e dirá seu nome e de onde veio e onde reside.

Eles estão emparelhados como quem está numa situação de confronto.

Cena 3 — Será que não vai ser a gente?

ATRIZ QUE INTERPRETA A MULHER HAITIANA

Será que não vai ser a gente?

Daqui a algum tempo a bater em outras portas procurando por abrigo?

TODOS

(gritando) Será que não vai ser a gente?

Musica tribal é tocada ao vivo e os atores fazem partitura que quem corre pega as malas e foge.

Cena 4 — Você me vê inteiro?

Só sobra o ator que no início representou o homem angolano, aqui ele representa um homem do Congo. Às vezes é o próprio ator comentando a cena.

ATOR QUE REPRESENTOU O HOMEM ANGOLANO

Quando se fala que está fugindo, não é que todo mundo que fogue tenha feito alguma coisa de errado. Eu não fiz nada de errado. É questão de sair ou de morrer, se é que me entende. É questão de não querer ir, mas de não ter escolha. Ficar no meu lugar não garante minha vida, sair também não quer dizer que eu continue respirando. Mas a gente tenta [...] é, a gente tenta [...] E isso não significa existir, é resistir. E se assim for, ele não chegará o mesmo que saiu [...] Eu não chegarei o mesmo [...] Porque não se sai por inteiro e não se sai inteiro. Você veio inteiro? Por vezes eu tento me martirizar, e faço uma lista dos possíveis crimes que cometi. Minha raça? Minha crença? Minha ideologia? Minha opção? Minhas opções? [...] Se perseguem por tantas coisas...

Uma entrevista é projetada.

Refugiado é uma pessoa que foge de seu país para uma preservação da vida dele. É obrigatório fugir. Mas imigrante é uma pessoa que vai à vontade dele para melhorar condição de vida dele. Então povo do Congo está como povo muito pobre do mundo. Riqueza mineral, guerra do Con-

go, povo do Congo está pagando riqueza dele. Filho dele está pagando riqueza do Congo. É, lá você não pode falar, porque não tem direito, te matam. Porque esse grupo de ditadura, de pessoa, de dirigente, de responsável, como ministro, presidente, pequeno grupo que rouba, que faz algum contrato. Não quer melhorar condição de vida das pessoas. E quando você fala, você está como inimigo de pessoa que rouba. O governo queria me matar, me pegou, me atirou aqui, eu tenho muitas coisas (marcas). Graças a Deus estou na vida. Minha história parece um filme, mas é uma realidade. Tem muitas coisas (marcas) aqui no braço, barriga. Tenho muitas coisas (marcas). Então até hoje eu fugi, não fugi, mas alguém me ajudou, ir para o Quênia, Uganda, até aqui o Brasil. No mesmo tempo minha família também fugiu, o que foi muito imprevisível, minha família fugiu para o Quênia, Uganda. Depois de três anos encontrei minha família, foi uma coisa, muito muito. Aqui em São Paulo tem a folha que falava sobre Reunião de família. (Entrevista, Omana Petench, Março de 2018)

ATOR QUE REPRESENTOU O HOMEM ANGOLANO

É uma bomba aqui... Depois outra, depois outra. Estão dando armas de fogo para as nossas crianças. Fazem guerra contra aquilo que representa perigo e eu represento perigo. Fazem guerra contra aquilo que representa perigo e eu represento perigo... Fazem guerra contra aquilo que representa perigo e eu represento perigo. Fazem guerra contra aquilo que representa perigo e eu represento perigo. Fazem guerra contra aquilo que representa perigo e eu represento perigo.

Cena 5 – Época das tangerinas

(NA TERCEIRA PESSOA)

Ela já não é boa dos olhos.

Elas já não são.

Pois em sua maioria já não enxergam tão bem,

De tanto que choram [...]

(NA PRIMEIRA PESSOA)

Nas vezes que conseguia, dormi,

Sempre a encontrava. A miúda. Ela ia longe, brincava,

Corria. E eu corria... Sabe?

Corre, corre... De quem é essa criança?

Ainda não me [...]

Não consigo me lembrar.

Desde que eu ganhei ela de presente, emprestei os meus olhos pra ela.

Época das tangerinas!

(TERCEIRA PESSOA)

Tangerinas, a filha dela

Adorava tangerinas

Então sempre que vê uma...

Vai correndo comprar

A personagem nina seu hijab.

Remetendo à imagem de um neném, a atriz retira tangerinas deste hijab e entrega para o público.

E também para os atores.

Ela ia longe
Corria
E eu corria

Cabelinho bagunçado
Roupinha suja de tanto brincar...
Eu a via de longe como quem...
Olha de um abismo

Cena 6 – Veste a bermuda do seu irmão

Outra atriz que remete a uma mulher muçulmana, também com hijab. Levanta-se e em exercício de espelho faz o mesmo gesto da atriz da cena anterior de espremer a tangerina.

ATRIZ QUE REMETE A UMA MULHER MUÇULMANA

Como quem olha de um abismo.

(que foi a última frase da cena das tangerinas).

Aqui a atriz faz como um ensaio, alguém experimentando o texto e jogando com os atores. A atriz lê trechos de notícias de violência contra mulheres refugiadas ao mesmo tempo em que experimenta o texto de ficção e interage com o hijab tampando seu corpo na tentativa de evitar um abuso.

Mulher não sei se volto
Não sei se volto mulher
Faz seus quadros e telas
Entoa cantos
Faça suas preces e daí de longe
Vibra por nós
Ecoa gritos corre respira
Mas não submerge
Você não está só

*Música árabe é tocada, a atriz dança com o hijab, a
dança vai ficando tensa e rígida, e a música também.*

Uma mulher síria foi obrigada a pagar as dívidas do marido
com sexo...

Texto
Megafone invertido
Projeta
Cena de um bicho que fumeça

Texto
Um bicho fumegava sobre os seus corpos
Enquanto outros peixes
Sedentos por suas próprias sobrevivências,
fingiam não ouvir o rasgar de sua pele

Dança
De casamentos forçados, violência doméstica, as mulheres

refugiadas relatam violências de contrabandistas, familiares e outros homens, não há estatísticas concretas sobre a violência contra mulheres refugiadas...

Uma outra num outro abrigo de refugiados relata que parou de tomar banho, que se veste de homem e que – como muitas mulheres aqui – coloca um armário na frente da porta de noite.

Tira o vestido

Tira o vestido

Ti-ra-o-ves-ti-do

Tira o vestido e veste a bermuda do seu irmão

E veste a bermuda do seu irmão

Coloca o texto e as notícias dentro do hijab e entrega para alguém do público.

Fracassas na sua humanidade toda vez que fere uma de nós!

Cena 7 – Polícia e ladrão

A atriz da cena anterior, após entregar o hijab para o público, volta ao centro do palco, conta até três e começa uma brincadeira infantil.

Aqui vemos todos os atores correndo no palco e brincando como se fossem crianças ao som da música Diáspora, dos Tribalistas.

Cena 8 – O que vai comer?

Apenas a atriz que representa mulher venezuelana está desconexa do todo, ela está ali em cena, mas interage com a sua bacia de cerâmica, nina, coloca areia, acalanta, faz gestos de aceno.

A música cessa e as crianças sentam juntinhas dela, ela que está de pé.

MULHER

Olha para mim

Olha para os meus filhos

A gente não está aqui para roubar os seus empregos, não

Se a mídia nos vende como monstros

Para nós eles vendem os seus churrascos no planalto e seus feriados de carnaval, seu patriotismo e calor humano

Não é que não há entre vocês gente boa e gente ruim

Gente ruim e gente boa

Dos mais miseráveis aos mesquinhos

Dos mais mesquinhos aos mais carrasco

Não é que vamos matar uns aos outros

Isso aqui

Não é uma competição

Ao menos não deveria ser

Ela não quer fazer mal para ninguém....

Ela só quer dar de comer para os seus filhos

MULHER

O que vai comer?

CRIANÇAS

Água

MULHER

O que vai comer?

CRIANÇAS

Água

MULHER

(com um punhado de areia nas mãos)

Abre a boca e fecha o olho...

E faz barulhinhos de chaleira, aquele, o barulho que as mães fazem ao ninar os nenéns.

Atores caminham dentro do espaço fechado de cercas, colocam a mão com um copo d'água fora das cercas como se oferecerem água para o público, cada dois afastam-se da cerca, e enchem a bacia de cerâmica com água, e caminham para trás da coxia, que é feita de tule.

Lá, eles fazem partituras como quem está remando ou nadando e os barulhos são de quem perde o ar.

Cena 9 – Um corpo na areia

A Personagem que fez a haitiana Lá no início sai do bando e caminha com a bacia de cerâmica em direção à banda. Ouvimos barulho de água. Ela é negra e tem tranças. Agora ela é uma mulher do continente africano.

Ouvimos barulho de mar ao fundo e a melodia de uma canção (Thula Sana).

Enquanto isso, a personagem interage com o lenço vermelho que está amarrado em seu cabelo. O lenço é um neném, ela brinca, nina, dá banho nele, na bacia de cerâmica.

MULHER

Há todo tipo de gente aqui e lá
Lá e aqui
Não nos culpem por suas misérias
Mazelas
Tentaremos tratar de não fazer o mesmo
Não culpem a nós todos
Quando um dos nossos os ferirem
Não nos neguem suas migalhas
Migalhas que jogam as beiradas
Beiradas que estão cheias de farpas e arames
Para espantar todos os que representam perigo
Mas vimos que não cercam apenas quem chega
Aqui neste lugar existe gente descartável
Aqui nesta cidade

Existe gente descartável
E milhares de quilômetros
De arames farpados
Perigos de gente
Que não se destina nem a conservar
Nem a consertar
Que joga fora
Após uma ou mais utilizações
Xepa
Fim de feira
Fim de festa
Resto
Do restinho da humanidade
Que resta
Se é que resta alguma coisa
Eles não têm respostas para dar aos seus filhos
Apenas fome e dúvidas
Eu não tenho resposta para dar para o meu filho
Mas por favor
Não os espantem sob os sons dos seus hinos

*O Lenço vermelho/neném é colocado na areia.
Em projeção, vemos a imagem do corpinho de Aylan
Kurdi, criança em situação de refúgio que foi
encontrada em praia da Turquia em setembro de 2015.*

*Ouvimos o áudio de brasileiros espantando pessoas em
situação de refúgio de Macapá, em outubro de 2018.*

Todos os atores entram em cena e, ao lado do Lenço

vermelho, é acesa uma pequena vela. O hino nacional é encoberto pelas vozes de expulsão, onde podemos ouvir: "rápido, gente, senão eles irão fugir!".

Os atores estão no centro palco emparelhados e uma chuva cai, até a vela ser apagada pela água.

AMANDA PESSOA

*Licenciada Historiadora (2015), mestra em sociologia (2019) e bacharelada em Artes Cênicas (2021) pela UFGD. É mãe de Caetano Pessoa Jara (Lê Rara) – desde 2019. Possui experiência em estudos das representações etnicorracias na TV e no teatro. Em 2020 foi atriz no espetáculo **Dom Casmurro** (Vencedor do Prêmio vozes da Cultura – Assis 2020). Em 2019 realizou a performance **Sobre Chorar o Leite Derramado** – fala de um corpo vertido em Leite que tece sua trama, ao mesmo tempo em que trata de lugares-comuns atribuídos ao corpo materno e negro. Foi colaboradora da dramaturgia no espetáculo **Maldita Bendita Pensão** (2018). No mesmo ano foi colaboradora da dramaturgia do espetáculo **República de Vidro**, com direção de Carla Ávila e Rodrigo Bento. Em 2018 pesquisou sobre a utilização de Fontes Documentais na construção dramaturgica do espetáculo **Límiar** – que teve como tema central narrativas de pessoas em situação de refúgio (sob orientação de Junia Pereira, Igor Schiavo e Michel Mauch).*

Limiar ou Primeiro impulso para que algo aconteça



Piscinas:

um estudo sobre águas¹

1. esta é uma peça em processo ou esta é um eu em processo. tudo que aqui está, pode não estar mais amanhã. as coisas mudam de lugar, são cortadas, recortadas, coladas, editadas, fragmentadas, para melhores serem engolidas, deglutidas, dissolvidas. um suco gástrico em expansão. a vida é uma ilha em edição. pode ser que eu me despeça sem muita delicadeza, sem muito cortejo ou educação. peço desculpas porque meu coração está em frangalhos e tento aos poucos colá-lo e quanto mais eu tento mais bagunça eu faço.

por
MARIANA OZÓRIO²



*nossos corpos têm o mesmo tamanho.
nossa distância é como um novelo embaraçado.
velho e estragado. e isso, às vezes, é insuportável.*

2. tenho me cansado dos pesadelos que insistem em se metamorfosear no real. eu durmo pouco e gasto tempo em encobrir os ecos do pensamento. é preciso aceitar: a impossibilidade também é uma forma de ausência. e a vida é um acontecimento. às vezes, ela retira aquilo que nos bordeja e nos deixa no chão. outras vezes, nos afoga naquilo que nos maltrata. a mudança é um sonho utópico.

*tudo começa com uma dança.
tudo termina com uma música
tudo começa com a falta
e tudo termina com a morte.
para as saudades da minha vida
dedico esta memoriação.*

*espelho, espelho meu, por que não mente para mim? eu vejo as marcas do tempo, eu vejo as olheiras que não vão embora, eu vejo as espinhas, eu vejo a careta pela úlcera gástrica, eu vejo o choro descompassado. um dia desses comecei a chorar enquanto faziam cosquinhas em mim. não era riso, era choro. “choro de novela”, você disse. choro doído de algum lugar daqui. “vontade de voltar pro útero da minha mãe”. as coisas tão ficando difíceis e às vezes eu acho que nem sei rir mais, congelei a face num riso estacionário meio estranho que parece mentira. sinto saudades da avó-macumbeira, das suas benças. “sou abençoada” é o que digo pra mim mesma pra ver se essa verdade se fixa em mim. sinto saudades das bênçãos de folhas, dos banhos de pipoca. se eu não fosse tão pequena teria dado mais importância a esses grandes atos. **águas, um mundo submerso. você já experimentou?***

VENDEDORA DE PISCINAS

boa noite! sejam muito bem-vindas! sejam muito bem-vindos! se acomodem, por favor. nossa, hoje a casa tá cheia, né? cheia de gente que adora nadar!!! quem aqui tem piscina em casa? AHN? (*uma projeção ao fundo de água*) e quem aqui, com piscina ou sem piscina em casa... sabe que água tem nela? AHN? QUEM? e sabe como cuidar? salgada. doce. salobra. mineral. potável. aromatizada. da fonte. contaminada. pura. destilada. poluída. residuais domésticas. urbanas. dura. pesada. deionizada. são os tipos de água que existem.

ártico, antártico, atlântico, pacífico, Índico. são os oceanos do mundo. essas águas aí no fundo ajudam a dar um clima mais calmo, né? um clima de que vai ficar tudo bem. mas será que vai?

eu li em algum site qualquer quando tava pesquisando pra poder contar pra vocês sobre as águas e convenceram a comprar uma piscina comigo (*riso*) que, gente.... cês sabiam que a maior parte das pessoas do mundo mora no litoral?!

GENTE, A MAIOR PARTE DAS PESSOAS DO MUNDO!!!!

isso é muita coisa! eu não acreditei... é muita gente pra pouca terra... mas se bem que, se o inverso funciona... poucas pessoas, há 521 anos pra muita terra conseguiram dominar tudo.... AH pouco importa! importa, que vocês tão aqui, porque querem uma piscina e eu garanto, até o final dessa noite, vocês vão comprar uma. ou vão nadar em uma. alguém aqui vai nadar em uma (*riso*).

a água não existe em estado puro na natureza, mas mesmo assim, 70% do planeta terra é formado por água, as águas dos rios, mares, oceanos e cachoeiras. aaah, e falta a água das geleiras né? que tá “degelando”.

ninguém menciona a água das piscinas, mas elas também existem, tá? até porque é por isso que tá todo mundo aqui hoje, pra me ouvir falar durante vários minutos sobre águas e piscinas. é a água, que permite a oxigenação e alguma coisa aí das algas que vai levar a existência de

vida! e quem não iria querer ter o próprio cantinho de produção de vida em casa?! AHN? QUEM NÃO? ainda mais que parece, que aqui, no nosso cantinho de terra, chamado braZil, a gente tá enfrentando o fi... melhor se resguardar, né?

mas aí você pode me perguntar, Mari (*se Lembrando*)... aaa gente, meu nome é mariana, tá? mas podem me chamar de mari, mary, méri, mas quem quiser só.

porque piscinas?

começa a passar uns slides de piscinas

o corpo adulto pode chegar a ter 45 litros de água. isso..... corresponde a mais ou menos, 70% do corpo. engraçado que parece que a gente é uma grande bolha d'água andando pelos espaços. com quais bolhas d'água vocês têm esbarrado?

70 é o número que nos une: a gente bolha d'água tem a mesma proporção de água do planeta terra. a água é a substância mais importante do planeta, porque é fundamental para a manutenção da vida. você é assim, importante, pra alguém? segundo a oms 2,1 bilhões de pessoas vivem sem acesso a água, no mundo. quando eu era criança, diziam que $\frac{2}{3}$ da terra era feita de água, e que desse total somente 2% era água doce. hoje corresponde 0,77%. é a corrida da água. com quem você tem lutado?

salgada, doce, salobra, mineral, potável, aromatizada, da fonte, contaminada, pura, destilada, poluída, residuais domésticas, urbanas, dura, pesada, deionizada. que água você tem bebido? (ri)

você só odeia a estrada quando está com saudades de casa

nadei exaustivamente para encontrar você. como um oásis no deserto me descobri seca como um orvalho. suei sobre luzes incandescentes porque o céu era o limite. acontece que me fez pequena demais e eu não fui capaz de crescer muito mais depois disso. a luz do sol era forte demais para minha pele sensível, e a luz da lua lenta demais para curar as escaras. espelho, espelho meu por que não olhas para mim? me fizeste do mesmo barro que formou os teus erros e agora me renega um sorriso? não seja assim, tão emburrado! espelho, espelho meu, eu te adoro! não vês?

VENDENDORATRIZ

eu guardo lembranças em volta da água. dos banhos, das bênças, dos clubes, das praias e das piscinas. o meu corpo água flutua no espaço temporal em suspenso que somente banhos demorados podem proporcionar.

“vontade de voltar pro útero da minha mãe”.

coleciono medalhas que nunca dependurei, fotos-troféus de competições de nataçãõ que nunca foram exibidas em porta-retratos, acordos tácitos nunca cumpridos, “se você nadar mil metros eu te dou um carrinho de controle remoto”. jurei pra mim mesma que com o primeiro salário eu ia comprar o tal carrinho, mas na verdade eu comprei um all star amarelo. tudo que passou já é memória, o segundo que passa-passado é memória. tem memória que dá saudade, mas tem memória que não. lembro dos carnavais em clube e dos confetes boiando na água, que anos depois se transformaram em carnavais de rua e glitter no ralo. lembro da vergonha de perder o sutiã do biquíni no meio da troca e do riso frouxodebochado das crianças-adultas

“mãe, eu não sei onde está!!!”.

às vezes dá vergonha ser menina, depois a gente descobre que é preciso ter força pra ser mulher. sinto saudade dos dedos enrugados de ficar o dia inteiro na água, olhar pra eles e pensar na minha avó, “será que minha mão vai ser assim quando eu ficar velha?”, e num piscar de olhos a temporalidade num jogo sádico escamoteia a reflexão sobre o futuro e faz a gente dar de cara de novo com o presente: eu e as minhas mãos cheias de colágeno. memória nem sempre é saudade. o agora já é memória. (*tempo*)

sinto saudades do pai que nunca tive

está contando um caso, uma lembrança. ou seria um sonho? é uma sucessão de casos Lembranças e sonhos.

VENDENDORATRIZ

14 de junho de 1999. o dia, era um dia quente, mas com um mix de sol e nuvem. eu nadava sozinha na piscina meio cheia, meio vazia, quando meu pai, que nunca nadava, só ficava de longe observando e, conversando alto, entrou. olhei aquela cena com curiosidade e animação e talvez uma pitada de medo, mas fui em direção a ele. ele boiava e eu dei um salto sobre ele. na mesma rapidez com que ele afundou, ele se levantou e começou a brigar comigo. eu fiquei tão envergonhada que mergulhei na piscina e fiquei nadando debaixo d'água por alguns minutos, pra ver se a água levava embora a vergonhachoro. 14 de junho de 1999, o dia era tão quente mas tão quente que do chão saia fumaça, a piscina estava cheia e meu pai e eu brincávamos de pular e mergulhar mil vezes como golfinhos. 14 de junho de 1999, o céu era feito de arco-íris, as nuvens eram de algodão-doce, bastava a gente esticar os braços que puxava lá de cima um pirulito ou chup-chup, eu era uma sereia e meu pai era um tritão, a gente nadava e conversava debaixo d'água! falei com o peixe-palhaço e a estrela-do-mar. 14 de junho de 1999, o dia mais frio do ano. a praia de copacabana congelou e a prefeitura, pra proporcionar diversão a moradores e turistas, fez da praia um grande ringue de

patinação. patinei com meu pai, fizemos piruetas iguais as dos jogos de inverno da europa. 14 de junho de 1999, o dia do dilúvio. eu nadava tranquilamente, quando uma chuva torrencial começou a cair sobre a terra. dessa vez não teve arca e nem noé pra salvar ninguém, “salve-se quem puder” gritou o salva-vidas do clube. meu pai salvou minha vida e eu salvei a dele. 14 de junho de 1999, um dia atípico no ano: o céu estava tão nublado, mas tão nublado, que parecia que o próprio cronos iria descer dos céus e nos fazer pedacinho e nos engolir de lá. eu nadei

como se fosse o último dia da minha vida, o meu pai só me observou.

14 de junho de 1999: o dia do fim do mundo, o sol vai explodir! nós fomos para o clube, uma última vez, porque se fosse pra morrer era melhor de um amor refrescado.

14 de junho de 1999, um dia nem tão quente e nem tão frio: eu nado sozinha, como de costume, vejo ele ao longe se destacando: sua voz, seu corpo, sua cor, seu jeito, o seu tom de voz. “ele não fala, ele grita”.

a gente precisa saber se salvar

VENDEDORATRIZ-QUEBRAGELO

o salva-vidas, ou guarda-vidas, é o profissional que estudou e treinou para evitar afogamentos. ele quer preservar a

vida das pessoas em uma situação crítica. é uma profissão que surgiu na Inglaterra no início do século XX, mas aqui no nosso Brasil só foi lá pelo ano 50 mesmo. aqui, no cantinho de terra Brasil, pra você se tornar um salva-vidas, você precisa ter concluído o ensino fundamental, ter entre 18 e 35 anos, estar em dia com as obrigações eleitorais e passar por um rigoroso processo seletivo. um salva-vidas ganha em média R\$ 1.500,00 reais por mês. alguém tem que salvar a vida de alguém, não é mesmo?

no trabalho de um salva-vidas, a relação com a água envolve.

você precisa tentar manter a calma a maior parte do tempo. a calma pode te salvar, mas você também precisa ter essa urgência de querer viver, sabe? a famosa pulsão de vida.

somos pequenos demais em um mundo de gigantes ou grandes demais para uma caixa de fósforos

um dia desses me imaginei morrendo. vi o sangue escorrendo de dentro de mim. era sangue e água. eu tomava um daqueles meus banhos demorados, pra ver se a vida voltava pra dentro de mim e vi água e sangue se misturarem num só e eu escorrendo ali pelo ralo. (tempo) sem tempo! pra essas coisas da vida, que demandam que a gente fique um pouco

mais. quase sempre eu sinto saudades, como pode? saudades. saudades do quê? saudades do que a gente nem teve. ouvi ela sussurrando baixinho que não sente saudade do filho que o ventre nunca gerou. eu sinto, de cada pérola que perdi no caminho. mãe me desculpa! eu errei. (tempo) eu tô com uma mania nova: eu comprei um creme pra mãos e pés e sempre que passo os passo e um dia desses que como que sem querer minhas mãos envelheceram. entre um banho dolorido e uma ida desesperada vi meus dedos se enrugarem e eu lembrei dela. eu lembrei de tudo. dos seus cabelos, do seu cheiro, da saia salmão do enterro, eu lembrei da folhas de bênça, você morreu e eu trouxe tantas lembranças suas pra casa, relíquias (riso frouxo).

VENDEDORATRIZ

velório tem uma coisa estranha, né? o que a gente conversa num velório? será que essas frivolidades do dia a dia, do cotidiano, cabem dentro de um velório? o que que rege esse encontro? *(começa a imitar falas de um velório, que também podem ser falas de um elevador)* “nossa... tá calor hoje, né?” “ele era um cara tão legal” “nossa, amiga, tem sido muito difícil acompanhar as aulas virtuais. odeio” “ele conseguiu chegar a tempo pra despedir?” “todo mundo adorava ele” e.. ao mesmo tempo que a gente tá aqui conversando essas coisas, de repente alguém nos puxa de volta pra a realidade: alguém morreu. alguém amado por um outro alguém morreu. o pai do meu amigo morreu, o meu amigo morreu, o meu amor morreu. o amor do amor de um outro alguém morreu.

(falando baleiês)

VENDEDORATRIZ

não sei porque, mas me deu na telha de pesquisar sobre peixes. e... piscinas são como grandes aquários de gente viva ou morta, não sei (*ri sem graça*), que nadam procurando alguma coisa. às vezes, algum desajeitado ou desajeitada, pula pra fora, porque acha que do outro lado existe vida. é uma luz incandescente que te engana e te diz que existe um lugar maior que esse cinco por cinco que a gente nada. os barrigudinhos ainda são os meus peixes favoritos. tem os peixes beta também, que dizem que não precisam de oxigênio...
... mas todos os meus morreram.

eu sou como um peixe pulmonado. minhas guelras se perderam no nascimento e eu sempre preciso vir à superfície respirar e é um estrondo! é como se não houvesse mais para onde ir. e isso é a coisa mais idiota do mundo. sem ar eu me afogo. eu me afogo quase todo os dias. (*tempo*)

eu gostaria de ter guelras, porque me sinto sem ar. meu peito em chamas vai explodir a qualquer momento, eu posso não aguentar, eu posso não saber como continuar. eu gostaria de ter uma membrana interdigital pra me tirar dessa cilada que é viver em desalinho. o meu limite é este: saber que não posso ir além de nós, porque eu não consigo. te dou um presente de páscoa, de aniversário, de natal, te dou um abraço desajeitado, mas isso é tudo! isso

é tudo que consigo fazer! eu sinto muito, mas isso é tudo que eu posso fazer hoje³.

isto aqui é sim, sobre piscinas.

VENDENDORATRIZ

eu simplesmente sou a melhor vendedora daqui e nunca me convidaram pra um TED Talk de piscinas⁴. eu sou um talento desperdiçado! não ri, é sério. eu vou provar pra vocês o quanto eu sou boa:

oi, boa noite! então, eu tenho um trabalho bem divertido

3. Eles têm um pulmão ou dois, dependendo da espécie, **e têm de vir à superfície para respirar** (...) O mais curioso é que, dentro dos peixes ósseos, desenvolveram-se variadas adaptações em alternativa, quer ao pulmão, quer às guelras. Por exemplo, existe um peixe na Amazônia, chamado Pirarucu (*Arapaima gigas*) que, quando pequeno, tem guelras para respirar o oxigênio que é dissolvido na água. Quando cresce, continua a ter as brânquias, mas não para respirar. Usa as guelras para funções que são normalmente desempenhadas pelo rim na maioria dos animais. **Se o peixe não tiver acesso ao ar, ele afoga. Tal como nós, precisa de respirar ar.** Fonte: site *Ciência 2.0*.

4. nota explicativa: a única desta dramaturgia. não espere por mais, porque não tenho mais o que dar. cena TED Talks. O TED Talks são falas curtas com a intenção de propagar uma “boa” ideia, seja lá o que isso significa. ou melhor: O TED Talks é uma série de palestras realizadas nas Américas, na Europa e na Ásia, pela fundação Sapling sem fins lucrativos. O TED Talks é uma disseminação de ideias, porque “têm ideias que merecem ser dissimuladas. não, desculpa, disseminadas”.

que é saber o que faz as pessoas felizes! não, brincadeira. é ajudar as pessoas a encontrarem o seu par de água perfeito. lindo isso, não? “par de água perfeito”. é tão divertido que até parece meio idiota quando circunscrito nesses tempos estranhos, obscuros, que a gente anda vivendo.... deve ser um pouco estranho mesmo ouvir sobre par perfeito. imagina pra mim que tô aqui falando pra vocês... constrangedor, né? mas eu acho que a vida tem essa coisa meio como uma montanha-russa, sabem? às vezes a gente tá lá no topo, o lugar mais almejado, que parece ser o melhor lugar a se ficar, mas... tamo chorando. um rir de desespero. é que se tudo der errado a queda vai ser feia, né? e daí tem outras vezes que a gente tá aqui embaixo, sem emoção nenhuma, os dias bem corriqueiros, aquela mesmice meio interiorana, meio criança - lugar esse que parece que precisamos fugir dele - mas a gente tá feliz. tá bem. nenhuma emoção, nadinha de nada acontecendo, e a gente tá feliz! a vida é essa coisa meio estranha, meio divertida, meio contraditória. e é exatamente por ser contraditória que eu aceito vir aqui falar pra vocês sobre encontros, pares perfeitos e águas. esse é o tema da nossa palestra de hoje.

é que a gente pode ser feliz na tristeza e pode tá dilacerado por dentro no meio do momento mais feliz das nossas vidas!

(*projeção*) em que água você habita?

eu, por exemplo, desde a minha infância, sempre nadei. mas eu confesso que não lembro qual foi a última vez

que eu entrei numa piscina. o mar... então? nem lembro a última vez que o vi. eu me recordo de uma vez que eu vi o mar mais bonito da minha vida! ele era lindo. eu... eu nunca tinha visto uma areia tão branquinha e um mar tão azul! azul daqueles que parece que vai engolir a gente... eu não entrei no mar. eu congelei, sabem? eu tinha medo que aquela beleza toda me engolisse, me maltratasse. então, eu simplesmente fiquei olhando pra ela com medo. tentando encontrar a coragem. a questão é que a gente foi embora pra casa antes que a coragem chegasse.

(projeção) quais águas te causam medo?

já as piscinas, não! as piscinas eu sempre amei. eu podia ficar horas dentro de uma e ver os meus dedos se enrugarem. aí eu pensava por um momento que os meus dedos eram iguazinhos aos da minha avó. "será que os meus dedos vão ficar assim também?". hoje eu não nado mais e na mesma medida vejo meus dedos envelhecerem. é como uma sina... quanto mais eu me afasto de mim, mais velha eu fico.

a atriz se prepara para o último show da sua vida. ela começa a trocar de roupa, coloca uma peruca loira, imensa e de muito volume, coloca um salto alto. enquanto a cena acontece uma música do estilo "casos de família" ou algum outro programa sério de auditório toca.

boa noite!!! tudo bem, pessoal? o nosso programa de auditório preferido tá chegando! tá chegando minha

gente! ó tema hoje... eu adoro os temas, minha gente. bárbaros! “se tem medo de água é porque já se afogou em uma. águas: é sobre mim, é sobre você!”. mas antes da gente chamar a nossa convidada de hoje para para para para tudo! vamo falar de coisa boa? vamo falar da mais nova, da mais revolucionária, a mais antiga do mercado, aquela que você pode confiar sem medo da ousadia: o moderno flutuador químico 2.0. quer ficar bacana em todos os sentidos? com o moderno flutuador químico 2.0 a sua piscininha fica toda limpinha! YEEEH. comprando agora, por apenas, R\$ 79,99, você ainda leva de brinde um chaveirinho mascote da topcompany, o peixinho! essa promoção é por tempo limitado! os primeiros cem compradores, além de levar o flutuador químico 2.0, o chaveiro peixinho ganham, ainda, 5% de desconto em qualquer outro produto da toplinha. não perca a sua chance! liga no número que aparece na sua telinha.

duas cadeiras em cena.

a vendedoratrizapresentadora se senta em uma delas e inicia a conversa.

(1) VENDEDORATRIZAPRESENTADORA

por que piscinas?

(2) VENDEDORATRIZAPRESENTADORA

é que as piscinas são infinitas. não, melhor dizendo, elas são múltiplas, elas são cheias de múltiplos e derivados. elas vêm com uma série de acessórios, por exemplo. o robô

de limpeza, o aspirador, o escovão, a peneira e o cabo pra prender essas coisas todas.

se preferir, também tem o kit piscina: que vem com tudo isso, mas menos o cabo e o robô (*ri*). o cabo a gente sempre tem que comprar à parte.

tem a cascata e a escada também. que são como as pessoas que lembram a gente, que podemos entrar numa onda doida, mas também sair dela. tem... a capa térmica.

as capas são aquelas coisas que a gente vê cobrindo as piscinas em filmes americanos, sabem? tem o clorador!! - esse é o meu favorito!!!

ele limpa a sua piscina e ainda serve de brinquedo pras crianças. economia, que chama né? maaas se você for um afortunado ou uma afortunada (*des Lumbrada*) e se a sua piscina for do tamanho de uma O-LÍM-PI-CA, ou maior que esses cinco por cinco - eu tenho pra você, as raias! elas tentam, nem sempre conseguem com tanto êxito, separar as memórias água.

tem também pra você (*faLando pra uma espectadora*) o "aquecedor de piscina" que faz com que você não precise mais colocar a pontinha do pé pra ter certeza se tem coragem de entrar. com o aquecedor de piscinas, você, é você! pode se jogar sem medo de se afogar... ou morrer!

o aquecedor solar transforma a energia solar em energia elétrica. sabe o que isso significa? (*faLando pra mesma espectadora de antes*) que além de tudo você será ecologicamente correta! ninguém quer matar o planeta mais do que já está, né?

maaas, se você não for um desses tipos abastados, a solução pra você é o “trocador de calor”, onde a água fria passa por um tubo, que fica seilá! instalado em algum lugar da sua casa-piscina e sai pelo outro lado, só que quente!

você não precisa mais se preocupar em ficar controlando nada. basta agora, você se jogar na sua piscininha e curtir a experiência.

(1) VENDEDORATRIZAPRESENTADORA

uaaaau! haja fôlego, né? agora me diz: por que águas?

(2) VENDEDORATRIZAPRESENTADORA

é que estudar sobre as águas pode prover a resposta de alguns dos maiores problemas que enfrentamos enquanto humanidade. ou na nossa humanidade, tanto faz! a verdade é que a gente nunca mais volta a ser a mesma depois de uma experiência como essa!

uma água, vinda de não sei onde, invade o espetáculo.

MARIANA OZÓRIO

É dramaturga, atriz em formação pelo Teatro Universitário da UFMG e psicóloga clínica pela PUC Minas. Foi aluna do Curso Livre de Teatro do Galpão Cine Horto (2016-2018). Em 2019, escreveu, dirigiu e atuou em seu solo **pele**, na Mostra de Monólogos do Galpão Cine Horto (BH). Desde 2020 tem se aprofundado na escrita dramática e, atualmente, se dedica à escrita de duas dramaturgias e um livro de poemas e contos. É dramaturga do podcast **Corte Perfeito Para e**, desde 2021, integra a produção geral do podcast. Seu texto ... **pontos...** faz parte do livro **Mentiras e outros pequenos furtos: um inventário da verdade** (2021), publicado pela Editora Urutau.





Posfácio:

**A dramaturgia em
modelos diversos**



por
IVAM CABRAL

O trabalho de uma dramaturga ou dramaturgo exige uma série de habilidades: conhecer bem a história e suas múltiplas perspectivas e lugares de fala; ser capaz de abstrair o cotidiano para transformá-lo em narrativa teatral; compreender como os significantes do texto podem se transformar em signos cênicos. As três autoras selecionadas para essa nova coletânea de peças do Prêmio Solano Trindade demonstraram com maestria esse talento, cada uma a seu jeito, de construir ou ressignificar mundos a serem apresentados no palco.

No Brasil, especificamente, espera-se também, em certa medida, dada nossa realidade de agudas desigualdades socioeconômicas e trágicos processos históricos de exploração e reverberação de preconceitos que derivaram em racismo, misoginia, xenofobia e intolerância religiosa em níveis estruturais, que essas questões apareçam em alguma camada do texto. Não se trata de uma necessidade, evidente, mas um procedimento frequente, tanto pela linha – de certo modo – dominante do teatro épico-dialético no país quanto por questões de aterramento histórico e engajamento artístico com as causas do nosso povo.

As três peças desta edição – *Atropelo*, de Amanda Carneiro; *Limiar ou Primeiro impulso para que algo aconteça*, de Amanda Pessoa; *Piscinas: um estudo Sobre águas*, de Mariana Ozório – representam bem uma nova geração de autoras que têm o que dizer e sabem como fazê-lo, sem medo do risco formal ou temático na composição de suas dramaturgias, apropriando-se de dispositivos clássico-canônicos, como o uso do coro, em *Atropelo*, como de discursos cruzados e pautados num fluxo de consciência performativo, em *Piscinas*.

Esperamos que a publicação desses textos possa estimular alguns dos milhares de grupos de teatro de todo o Brasil para que os levem à cena algum dia, assim como possam trazer ideias, deleite e outras consciências aos leitores do volume.

IVAM CABRAL

Ivam Cabral, que é autor de mais 15 livros – nos mais diversos gêneros, como crônicas, dramaturgia e infantil –, tem vasta produção de artigos acadêmicos no Brasil e no exterior.

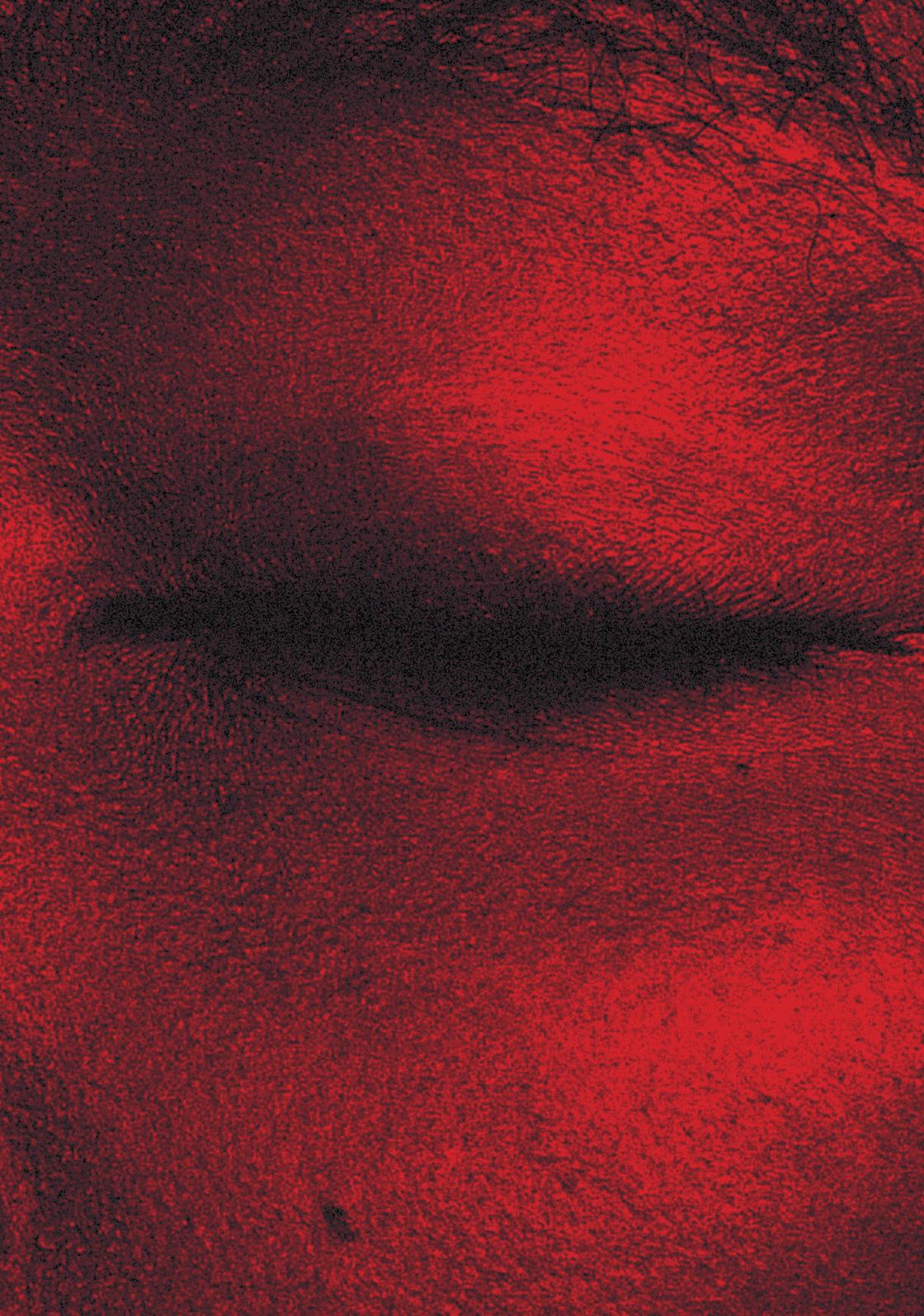
É ator, diretor teatral, dramaturgo, cineasta e diretor executivo da SP Escola de Teatro. Doutor (2017) e mestre (2004) em Artes Cênicas pela Universidade de São Paulo (USP). Bacharel em Artes Cênicas, com habilitação em Interpretação Teatral (1988), pela Pontifícia Universidade do Paraná (PUC/PR), e especialista em Psicoterapia Psicanalítica (Unip).

*Ao Lado de Rodolfo García Vázquez, fundou a Cia. de Teatro Os Satyros (1989), que tem em seu currículo 140 espetáculos teatrais e mais de cem prêmios no Brasil e no exterior. Criou também o departamento cinematográfico da companhia, escrevendo, dirigindo e atuando em filmes, entre eles os longas-metragens **Hipóteses para o Amor e a Verdade** (2015) e **A Filosofia na Alcova** (2017).*

É um dos responsáveis pela organização e construção do sistema artístico-pedagógico da Associação dos Artistas Amigos da Praça, aplicado na gestão da SP Escola de Teatro (2009), instituição cujo modelo é referência nas Universidades das Artes de Estocolmo, Helsinque e Zurique.

Já atuou em 36 países e recebeu diversos prêmios internacionais, como Prêmio Circulo de Amigos del Gran Teatro de La Havana (Cuba, 2008); Prêmio Villanueva/UNEAC (Cuba, 2008); The International Award - Hollywood Fringe Festival (EUA, 2013); BroadwayWorld Los Angeles Awards (EUA, 2020); The Good The@ter Festival Awards (Índia, 2020); Young-Howze Theater Awards (EUA, 2021).

*Finalista ao Prêmio Jabuti em 2010 pela coleção **Primeiras Obras**, foi editado em Angola, Cuba, Finlândia, Portugal e Reino Unido; e teve textos seus traduzidos para o alemão, espanhol, inglês e sueco.*





É de fundamental importância que haja incentivo para o surgimento de dramaturgias que cristalizem questões do contemporâneo. No caso da escrita preta, isso se torna ainda mais crucial, já que a esta parcela da população sempre foi negado espaços de poder intelectual, com narrativas pretas ainda com tímido lugar na história do teatro brasileiro. As três dramaturgias vitoriosas no Prêmio Solano Trindade 2021, direcionado a autores negros e negras, apresentadas neste livro, refletem a visão de três mulheres negras para o teatro contemporâneo. E é emblemático que sejam três mulheres negras as vencedoras, já que, quando o recorte de gênero se soma ao étnico, as estatísticas atestam o maior grau de exclusão. E tais textos têm caráter histórico, já que foram produzidos em contexto de pandemia, que irrompeu sem aviso prévio, aterrorizando a humanidade. Neste século XXI, negras e negros alçaram importantes lugares dentro da estrutura social e também do teatro brasileiro. Obviamente, isso foi fruto de maior acesso à educação, que possibilitou avanços concretos, antes apenas sonhados. Contudo, a pandemia e a crise que a ela se sucedeu – no Brasil ainda mais cruel diante de um lamentável cenário político – foi mais cruel com esta população, ainda tão fragilizada na estrutura social de nosso país. Tais dificuldades estão presentes, de certo modo, em *Atropelo*, de Amanda Carneiro, em *Limiar ou Primeiro Impulso para Que Algo Aconteça*, de Amanda Pessoa, e em *Piscinas: Um Estudo sobre Águas*, de Mariana Ozório. Mas, a potente resposta a tal cenário, nestas três potentes dramaturgias, atesta que há futuro possível para além do sonho.

Miguel Arcanjo Prado

COORDENADOR DE EXTENSÃO CULTURAL
E PROJETOS ESPECIAIS DA SP ESCOLA DE TEATRO



Secretaria da
Cultura e Economia Criativa